

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SCALON, Maria Celi Ramos da Cruz . Maria Celi Ramos da Cruz Scalon (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 39min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Maria Celi Ramos da Cruz Scalon
(depoimento, 2018)**

Rio de Janeiro

2022

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Levantamento de dados: João Marcelo Ehlert Maia;

Pesquisa e elaboração do roteiro: João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 16/03/2018 a 16/03/2018

Duração: 1h 39min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Ciência Social em tempos difíceis: novas configurações do trabalho intelectual no Brasil”, desenvolvido pelo pesquisador João Marcelo Ehlert Maia, com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) com período de vigência entre abril de 2016 e abril de 2019.

Temas: Ciências Sociais; Comunicação de massa; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Estatística; Força Aérea Brasileira; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj); Jornalismo; Pesquisa científica e tecnológica; Pós - graduação; São João del Rey; Sociologia; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal Fluminense;

Sumário

Entrevista: 16/03/2018 A trajetória profissional; o técnico em Estatística na Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE); a orientação para a área de humanidades; a escolha por Comunicação; a experiência como sargento na Força Aérea Brasileira; a experiência como uma mulher na Força Aérea na década de 1980; a graduação em Jornalismo na Universidade Federal Fluminense (UFF); os primeiros contatos com as Ciências Sociais; a ida para o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); a saída da Força Aérea; a mudança para São João Del Rei; a conversão para a Sociologia; os trabalhos como jornalista; a tese de doutorado sobre mobilidade; a dissertação de mestrado sobre casamento e raça; o trabalho no Iuperj; o doutorado na Inglaterra na Universidade de Warwick; as primeiras experiências como professora; a preparação e planejamento de uma aula; a disciplina de métodos quantitativos; o trabalho como pesquisadora; as divisões de trabalhos de pesquisa; o trabalho com bancos de dados; a teoria do modelo de gênero; o processo de escrita; os livros publicados; o trabalho na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); o casamento e a relação com a vida acadêmica; a pressão por produtividade; o processo de tradução dos livros publicados; o seu trabalho como orientadora; o lado forte na internacionalização; a experiência na UFRJ; a sua rotina de trabalho; o trabalho na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); a avaliação do ofício do sociólogo; a vida para além do mundo acadêmico; a falta do trabalho de campo; conclusões e agradecimentos.

Entrevista: 16/03/2018

J – Bom, dia 16 de março de 2018, entrevista com Celi Scalon no CPDOC. Celi, obrigada por ter vindo.

C – Imagina, eu que agradeço.

J – A primeira pergunta bem básica é onde e quando você estudou Ciências Sociais? Você fez Ciências Sociais ou outra graduação?

C – Não, eu fiz outra graduação. A minha trajetória profissional na realidade começa no Ensino Médio, porque eu fiz Estatística no Ensino Médio.

J – Como assim?

C – Eu fiz técnico em Estatística, porque tinha um curso na ENCE [Escola Nacional de Ciências Estatísticas] que acabou na década de 1980. Eu entrei em 1983 para universidade, então, em 1981, eu entrei para esse curso. Tinha um curso técnico na ENCE ali na Lara Vilela, que ainda é aliás, que você entrava e escolhia: Estatística, Geodésia ou Cartografia e era bem recente a coisa de Computação, Programação, era uma coisa assim. E eu entrei para Estatística, porque eu queria fazer Engenharia Mecânica, era a área que... eu gostava de Matemática.

Só que durante o curso de Estatística, eu comecei a me orientar para a coisa mais das humanidades, eu gostava de escrever, eu lia muita literatura. E aí comecei a pensar em fazer Letras ou...na época estava muito na moda Comunicação Social, Jornalismo. Os jornalistas eram os caras, porque era o final da ditadura e era uma profissão assim super de moda, *cool*, aquela coisa legal, tinha até uma novela que tinha a Lídia Brondi que era uma jornalista. Na década de 1980 era isso. E eu resolvi: “Ah, vou fazer Jornalismo”.

Fiquei entre História, mas Ciências Sociais nunca foi...não estava no horizonte. Era Psicologia, História, Letras, Literatura Comparada, achava aquele negócio legal. Aí eu falei: “Ah, vou fazer Comunicação”. Também era um curso mais amplo que, enfim, você via quase tudo. E eu acho que foi bom nesse sentido, porque se eu tivesse escolhido História ou Letras, talvez eu tivesse ficado...não tivesse ido para as Ciências Sociais. E aí eu fui, comecei a trabalhar também, estudei à noite na graduação, trabalhava de dia com Estatística, mas na Força Aérea, eu era sargento na Força Aérea Brasileira.

J – Está ficando complexo [risos]. Você era sargento na Força Aérea Brasileira?

C – Eu entrei em 1983 na universidade e eu sou da quarta turma de mulheres da Força Aérea. Em 1984, eu entrei para Força Aérea. Aí eu parei um semestre na universidade, fui para Minas

treinar, fazer o treinamento, voltei para a faculdade, tinha uma coisa assim que a gente conseguia horário especial para estudar, eles davam maior apoio.

J – Então, você estava fazendo Estatística...

C – Eu tinha terminado Estatística, fiz vestibular, passei direto, que era uma coisa impossível...

J – Para?

C – Para Jornalismo na UFF e, no primeiro ano, eu fiz um concurso e comecei a trabalhar. Então, eu sei bem o que é ser estudante e trabalhador. Eu trabalhava o dia inteiro.

J – Na Força Aérea?

C – Na Força Aérea. Saía duas horas, tinha um horário especial para estudar, eu e uma amiga que fazia Ciências Sociais na UERJ, ela hoje é cônsul em Mumbai [risos]. A gente chegava cedo às 7 horas da manhã, porque era horário de seis horas, saía às 14 horas e ia para Niterói, isso no centro da cidade. Ia para Niterói e ficava, pegava às vezes matéria de quatro horas. Eu morava no Meier, então era um trajeto.

Aí fiz Jornalismo, mas o curso de Jornalismo era interessante. O básico do Jornalismo era muito legal, eu adorava, porque era Filosofia, Ciência Política, Sociologia e Antropologia. Quando acabou, no quarto período para o quinto, que começaram a vir as matérias mesmo de Radiojornalismo...eu falei: “Puxa, eu não dou para isso” [risos]. Não tinha vocação mesmo. Às vezes eu encontro com colegas que são jornalistas daquela geração, eles falam: “Pô, Celi...”. Mas eu não tinha jeito para o negócio, então, eu falei: “Bom, isso não vai dar para mim”. Porque eu não gostava e fazia com muito sacrifício, porque eu estudava e trabalhava o dia todo. Eu era talvez uma das poucas pessoas da universidade que tinha essa carga de trabalhar, o pessoal fazia coisas na área e não um trabalho assim.

Então, eu comecei a falar: “E agora? Eu estou no sexto período, faltam dois...”, aquelas coisas, aqueles dramas. E aí tinha uma professora que dava metodologia de pesquisa, porque a gente tinha que fazer a monografia de fim de curso, que chama Ângela Tiguel que é antropóloga e ela começou a me orientar: “Você deveria fazer Ciências Sociais, você tem formação em Estatística, isso vai te ajudar, você deveria fazer Ciência Política no Iuperj”. E aí foi assim que entrou as Ciências Sociais na minha vida. Aí eu comecei: “Ah, o que é isso? O que é Iuperj?”. Aí comecei a olhar e me interessei mais pela área de Estratificação e, realmente, quem me orientou no mestrado foi o Carlos Hasenbalg.

J – Mas por que você foi para Sociologia e não para Ciência Política como orientou sua professora?

C – Porque, do que eu olhava das áreas de pesquisa, eu achei legal essa coisa de estratificação e desigualdade, trabalhar com o Carlos. E também teve uma coisa engraçada, quando eu comecei a procurar...a vida é cheia...uma vez o Machado falou que quando a gente vai fazer o memorial, quando eu fiz o memorial para o concurso titular, você tenta organizar a sua trajetória, dar uma organicidade como se as coisas fossem encadeadas...

J – Não são.

C - Não são mesmo. Aí quando eu comecei a ter esse interesse, o meu pai falou: “Você tem uma prima”, que é de outra geração, a mãe dela é prima do meu pai, “que é socióloga”. Aí eu falei: “Quem é? ”. “A Maria Alice”. Maria Alice Rezende de Carvalho.

J – Eu juro que eu conheço vocês há anos e não sabia.

C – Eu não conhecia a Maria Alice. Aí fui para o Iuperj, a Maria Alice também deu aquela seduzida: “Eu acho que você ia fazer bem Sociologia, não é porque...”, tinha aquela coisa também de cooptar as pessoas, “...não é porque você sabe Estatística que vai fazer Ciência Política”. “É, realmente, faz sentido”. Aí entrei no Iuperj, fiquei um ano estudando Teoria Sociológica para fazer a prova e aí...saí da aeronáutica, fiquei um tempo como *freelancer* morando em São João del Rei, porque meu primeiro marido era professor lá, aí tem uma história pessoal...

J – Você estudava no Iuperj morando em São João del Rei?

C – Não, isso foi antes de entrar para o Iuperj, entre terminar a graduação e entrar.

J – E saiu da Força Aérea?

C – Saí, eu terminei a graduação e saí. A Força foi muito importante para possibilitar que eu estudasse, porque eu venho de uma família que a primeira geração de universitários sou eu, minhas irmãs, minhas primas. A geração anterior ninguém tinha título superior. Então, eu pagava meu curso de inglês, eu pagava os livros, tudo o que eu quisesse fazer....

J – Você se bancava.

C – É, aí quando eu terminei a graduação, saí e aí eu casei e fui morar em São João Del Rei. Meu primeiro marido é professor ainda de Estatística, mas foi ser professor em São João Del Rei, agora está em Lavras. E aí comecei a estudar Sociologia e trabalhar como *freelancer* até na universidade como jornalista. Eu ia ficava estudando Sociologia, Filosofia, os clássicos, aí fiz prova e entrei. Foi uma conversão completa, nunca mais... não tenho contato com as pessoas de Jornalismo, engraçado, o que ficou foi a Estatística.

J – Foi mestrado e doutorado direto?

C – É, fiz mestrado e doutorado direto.

J – Eu lembro da tese...

C – É, a tese de doutorado foi sobre mobilidade e a dissertação de mestrado, o meu orientador foi o Carlos Hasenbalg e eu fiz uma dissertação sobre casamento inter-racial, casamento e raça, na verdade, uma análise disso.

J – Agora, com essa trajetória peculiar, como é que começou, digamos assim, você como estudante de mestrado em Sociologia e doutorado, como é que começou essa tua conversão para ser uma profissional da Sociologia? Em que momento você começou a sacar que aquilo era uma profissão?

C – Eu acho que é simples. Na linha Florestan Fernandes, eu nunca pretendia ser intelectual, eu vim de uma família de trabalhadores, era trabalhadora, fiz minha faculdade trabalhando e continuei sendo trabalhadora. Então, para mim era uma profissão, uma carreira. É isso, é uma profissão que me possibilitava ter uma carreira e ter uma inserção internacional, mas é um trabalho. Para mim, eu nunca pensei a Sociologia diferente.

J – Mas enquanto você fazia o mestrado e doutorado, você estava só no mestrado e doutorado ou você teve trabalhos paralelos na área?

C – No mestrado, eu trabalhei como assistente da Neuma lá no Iuperj mesmo. No doutorado, antes de terminar o doutorado, eu já entrei como professora no Iuperj.

J – Isso foi em que ano?

C – Foi em 1996, eu terminei em 1997. Eu comecei como professora visitante quando eu voltei da Inglaterra, porque eles queriam me contratar, eu já tinha algumas ofertas de outros lugares de ser professora visitante e tudo mais, da Fiocruz, por exemplo, eu tinha um colega lá que queria que eu fosse lá para a Escola de Saúde Pública. Aí eles falaram: “Não, você fica aqui como visitante e quando terminar o doutorado, a gente...”, mas acabaram me contratando no final do ano.

J – Antes de terminar o doutorado?

C – É, ali também eu tive uma situação, assim, bem definitiva na minha personalidade, porque eu tive um câncer naquele ano em 1996. No final do ano, eu descobri, diagnostiquei o câncer e em dezembro eles [Iuperj] me contrataram, fizeram um contrato, mas com um compromisso que eu cumpria de defender a tese seis meses depois. Então, eu dava aula, escrevia a tese e fazia a quimioterapia, seis meses.

J – Caramba.

C – Mas foi bom...eu era muito nova, tinha 32 anos, então, tinha uma energia que hoje eu não teria. Mas eu acho que a tese me tirava daquela coisa da doença, então, eu fazia a química ficava quatro dias imprestável, mas depois eu tinha que sentar, escrever a tese, ir dar aula. Então, foi uma batalha de *Waterloo*, mas eu acho que me movimentou de uma forma positiva ter essa demanda de trabalho.

J – E no caso, só para fechar a série de estudante, muitas pessoas têm dificuldade com essa rotina da vida de pesquisador e em formação. Para você, por exemplo, ler e escrever...você era daquelas que tinha dias da semana ou tudo fluía mais naturalmente?

C – Não, era tudo caótico, como é ainda hoje. Eu tenho prazo, eu sento e faço.

J – Virava a noite?

C – Não, eu não gosto de virar a noite. Eu consigo fazer sem virar a noite. Eu acho que tem duas coisas...eu gosto muito de fazer pesquisa. A pesquisa não tem rotina, mas ela é uma constante, então assim, ou eu estou trabalhando com dados já existentes, mas para mim isso é...porque você está rodando, você está pensando modelos, você está pensando o problema da pesquisa e como acessar aquilo. Eu adoro. Eu adoro sentar na frente do programa: “Poxa, só deu esse resultado na regressão, será que é isso? ”. Você ficar ali investigando. Eu acho que tem uma linha meio detetive pra mim essa coisa da pesquisa, de uma curiosidade de você buscar...

J – E isso sempre teve? No doutorado você também tinha essa *vibe*?

C – Sempre teve, na graduação eu tinha, na escola também. Eu gostava dessa coisa de investigação, essa palavra que o pessoal usa em espanhol para a pesquisa “*investigación*”, eu acho que ela funciona bem para você pensar isso no meu caso. Então, eu tenho essa coisa da empiria e gosto muito de fazer campo, isso para mim não é um problema, eu faço e estou sempre pensando. Agora, escrever é mais selvagem: tem que fazer, eu sento e faço. É uma semana para fazer, é um negócio meio...

J – Agora, uma curiosidade que eu tenho um pouco, você terminou a tua tese de doutorado em 1997, você estava fazendo, pesquisando em, sei lá, 1994, 1995. Na prática, como era trabalhar com os dados que você trabalhava naquela época?

C – Nossa, era uma loucura.

J – Como é que era a coisa prática?

C – Não tinha computador, eu tinha que programar. Mas no Ensino Médio eu fazia isso, eu perfurava cartão, porque eu fiz estágio na ENCE, então, você para fazer rodar o modelo... eram

dados, ainda são dados muito grandes, mas você imagina, tinha aquelas impressoras seriadas que saíam aquele bolo, papel grande, tinha que ler aqueles resultados, era uma loucura. Realmente, se você me pedisse para fazer isso hoje, eu não teria a menor noção de como fazer, mas a gente perfurava cartão, mandava para o IBGE para rodar e se tivesse um erro, voltava tudo para você encontrar o erro.

Então, quando eu fui para Inglaterra...eu fiquei na Inglaterra durante um ano e meio no doutorado.

J – Qual foi a cidade mesmo?

C – Eu fui para universidade de Warwick que é perto de Birmingham, de Coventry, que chamam de Midland. Há duas horas de Londres mais ou menos, mas a universidade é no meio do nada. É um campus assim construído num lugar que é meio entre Coventry, entre Warwick mesmo, Leamington Spa...é um meio ali daquelas cidades. E me ajudou muito, porque o meu orientador lá tinha feito a graduação, eu acho que era em Matemática, o mestrado ele fez em Estatística Social, que é um curso que tem em Southampton, e o doutorado em Sociologia.

J – Um perfil parecido.

C – É, então, ele era um cara muito bom. E eu usava um programa que chama Gleen que era para rodar só modelos logneares, ele só existia para isso. Era muito chato, era um programa muito chato, hoje nem existe mais, porque todos os programas de Estatística praticamente fazem isso, mas naquela época era um programa específico e eu tive que programar.

J – Você aprendeu lá?

C – Eu aprendi aqui com o Nelson, levei para lá e fazia lá. Então, é diferente de trabalhar com Estatística hoje. Hoje é completamente *friendly*, qualquer pessoa consegue mexer. Se você souber o básico, você vai lá, pede e o computador faz. A gente não tinha isso, você tinha que realmente construir as coisas, as equações e tudo mais.

No doutorado, eu nunca fui muito...isso é uma coisa que eu invejo nos colegas: a disciplina, quem é disciplinado. E como eu convivi com pessoas e tenho ainda amigos matemáticos que eu conheci depois, na Estatística as pessoas precisam disso, você não consegue ser um estatístico se você não for muito.... Na ENCE, eu tinha uma rotina. Todo dia eu chegava, almoçava e ficava duas horas estudando Matemática, senão não conseguia e, ainda assim, as notas eram dois, quatro, uma boa nota. Era muito puxado. Mas eu acho que a gente não precisa disso, é um outro tipo de produção. A Matemática exige um nível de concentração, de foco que é outro barato produzir nas Humanas e produzir nas *Hard Sciences*...

J – Nas duras...

C – Não sei se nas duras, mas nas tecnológicas, na Medicina não sei como é que é.

J – Agora, em 1997, você entrou e virou professora.

C – Em 1996.

J – Como é que foi virar professora? Você já tinha uma experiência docente?

C – Não, foi um horror. As minhas aulas, as primeiras...

J – Como é que foram as primeiras aulas?

C – Pois é, como eu comecei antes, eu comecei em 1996 dando um curso com o Nelson, isso foi legal, que era um ótimo professor. Eu acho o Nelson super didático e ele era o meu orientador de doutorado. Foi uma época que o Nelson teve uma série de problemas pessoais, então, eu tive que segurar um pouco a turma. O Jairo Nicolau, que já era professor, se inscreveu, ficou no curso assistindo, aí eu falei: “Ai meu deus”. E a primeira aula eu saí falando: “Não dá, eu não vou conseguir, vou procurar outro emprego, alguma coisa em pesquisa...”, eu achava que era boa pesquisadora, “...dar aula não é a minha praia”.

Tem isso, o Weber no “Ciência como Vocação” - essa convocação eu gosto de dar para os alunos -, ele fala isso: “Tem gente que é bom professor e não é bom pesquisador”. Na Alemanha na época, não sei ainda hoje, mas no Brasil certamente em algumas áreas, você tem que fazer as duas coisas, que é um pouco o caso da nossa, mas tem espaço, eu tenho colegas que fizeram uma carreira só de pesquisa. E eu pensei ali: “Não dá, isso aqui não vai dar pra mim, eu não consigo...”. Eu ficava muito nervosa, não conseguia me comunicar, me atrapalhava, sabia, não é que eu não sabia a matéria, mas era difícil, pra mim foi muito difícil.

J – E quando começou a melhorar?

C – Naquele curso mesmo, o Nelson falou: “Se vira”. Não falou “se vira”, mas falou: “Olha, eu estou com uma série de problemas, doença na família, separação, você vai ter que segurar esse negócio”. Aí eu segurei. Eu acho que a vida sempre foi assim, eu tinha uns desafios que se apresentavam e eu enfrentava. Foi a Estatística, que era um curso bem difícil, foi a Força Aérea, foi mudar de área e virar professora.

J – Uma coisa que eu tenho curiosidade é como é a preparação de uma aula? Porque em geral, quando se fala em Ciências Sociais, o camarada passa um texto, um debate, lê os comentaristas...como é preparar uma aula numa disciplina de métodos quantitativos?

C – Tem que preparar mesmo. Eu tenho Java hoje depois de tantos anos, você sabe há quantos anos eu dou aula de métodos, nem dou mais, no IFCS já não precisam mais de mim, mas eu

gosto de dar aula de métodos. É assim: eu tenho já o material preparado. No Iuperj, eu fiquei 10 anos, 10 anos eu dei o curso de métodos.

J – É, eu fiz.

C – Pois é, eu sei, eu lembro [risos]. Então, eu já tinha tudo preparado. Em parte, uma coisa que eu já herdei do Nelson, porque ele dava aquele curso, me passou, eu segui muito o que o Nelson fazia, porque eu acho que ele fazia bem, muito bem, eu acho ele um excelente professor. Ele consegue reunir as duas coisas. Ele é um excelente professor e um excelente pesquisador. É muito didático, porque não é fácil dar aula de métodos, quanti, para Ciências Sociais.

J – Há uma rejeição a priori.

C – As pessoas falavam: “A gente veio para cá fugindo da Matemática, agora tem que ver isso aqui”. Aí eu falava: “Isso não é Matemática, vamos pensar de outro jeito”. Então, eu já tinha preparado, mas eu sempre... e aí também depende se é quanti, se é método ou não, por exemplo, eu vou dar curso de Introdução à Metodologia, ou se não tem nada a ver com método, Teoria Sociológica ou qualquer curso, Estratificação, eu preparo antes. Eu tenho esse hábito.

J – Você escreve texto? Faz anotação?

C – Escrevo texto, faço anotação no texto, está tudo rabiscado, marcado, eu gosto de ter meu próprio livro por causa disso. Se você pegar todos os livros que foram base, ou texto, de cursos meus, eles estão sublinhados com comentários. Às vezes eu faço um texto...

J – E leva?

C – Eu levo. Eu leio um dia antes, eu não tenho segurança de entrar numa sala sem nada, sem ter preparado aula. E nisso, eu tenho muita admiração pelo Carlos Hasenbalg, porque ele fazia isso até fim o da vida. Ele tinha 35 anos como professor e se era dia da aula e eu batia lá na sala, ele falava: “Olha, Celi, agora eu não posso falar com você, porque eu estou preparando aula”. E eu achava aquilo fantástico. Eu acho que era o único que eu via fazer isso depois de tanto tempo de docência. Ele realmente preparava, fazia alguma coisa, levava. Eu acho que é legal você ter esse cuidado de preparar a aula. E eu não tenho tanto esse jogo de cintura como alguns colegas têm essa competência que falam, assim, de improviso. Eu tenho dificuldade.

J – Mas, no caso, de uma aula de métodos que não é necessariamente livro ou texto, tem claro livros, tem os livros bases, mas tem aula que é mão na massa.

C – Eu tenho umas apostilas.

J – Ah, aí você tem uma apostila preparada e vai. Eu imagino que tenha muita coisa de exercício.

C – É, eu dou exercício.

J – Você muda ou tem alguns que você sabe que funciona melhor?

C – Mudo, pego de livros, traduzo. Agora com a internet é tão fácil, você pega sílabas de colegas estrangeiros, de outras universidades americanas, aí eu puxo ali e traduzo, trago alguns exercícios de outras áreas, da Psicologia.... Das Humanas, eu tenho mais de um livro de Métodos e Estatística para as Ciências Humanas, para as Ciências Sociais, o que facilita, porque não é, por exemplo, a roldana da coisa da Física, você faz uma coisa mais a ver com as Humanidades. Mas ainda os alunos não gostam. Eles têm muita resistência.

J – Bom, e você estava ali no Iuperj também como pesquisadora? Aí você já tinha doutorado, era uma colega, como é que foi essa coisa de “o que eu vou pesquisar”? Como é que foi pra você isso? Foi caindo na sua cabeça?

C – Pois é, porque assim, quando eu terminei o doutorado em mobilidade era muito dentro de uma área que não existia que era do Nelson e do Carlos, e eu gostava muito dos dois, os dois tinham sido meus orientadores, eu tinha um carinho muito especial, pra mim foi muito dura a perda do Carlos, muito, até porque...outro dia encontrei uma foto dele lá em casa com a Rosana Heringer, a gente estava jantando, então, tinha também uma relação pessoal, ele era uma pessoa muito fechada, mas a gente tinha uma empatia, uma relação legal.

Foi interessante pelo seguinte...eu acho que tem umas coisas...essas coisas que acontecem que não eram nada planejadas. Nessa coisa da pesquisa, eu entrei, tinha feito sobre mobilidade, mas eu estava meio de saco cheio, eu nunca mais escrevi sobre isso, acho que eu escrevi um texto com o Carlos Antônio que na época fazia tese e me pediu um texto que virou um capítulo da tese dele, escrevemos um texto juntos e eu acho que foi o último. Eu oriento tudo, mas é uma área que saturou, essa coisa de fazer uma tese, tese é muito tempo [risos]. Enfim, aí continuei falando um pouco sobre essa questão de mobilidade, fazendo uns estudos...aí fiz uns estudos de gênero, mas em 1999 teve um projeto, o Renato Lessa era o diretor lá do Iuperj e ele quis inserir no Iuperj um consórcio que chama *International Social Survey Programme*¹ [ISSP], era um consórcio de países, eram quarenta e tantos países, era uma coisa fantástica, e você tinha um *survey* anual na área de Ciências Sociais que era feito naqueles quarenta países. Era um sonho de qualquer um que trabalha com métodos quantitativos. Você tem um banco de dados de quarenta e tantos países sobre religião, sobre redes sociais, sobre desigualdade. O tema

¹ <http://www.issp.org/>

quando a gente entrou foi desigualdade e eu fiz desigualdade, fiz religião, fiz gênero - tenho dois livros até publicados com a Clara Araújo -, fiz *social network*, religião, gênero, enfim, acho que tinha uns seis *surveys*.

J – E o que era fazer esses *surveys*? Na prática era o quê?

C – Isso era uma coisa heroica. Tinha reuniões fora, Portugal e tal, que você ia para discutir o questionário, a gente fez papel do Estado também, enfim, tinha um grupo que preparava o questionário, já tinha um histórico dessas pesquisas.

J – Tá, vocês entraram o negócio já tinha um acordo.

C – É, e aí por exemplo: “Ah, vamos fazer a segunda rodada do *survey* de desigualdade”, que para nós era a primeira, mas para a Alemanha era a segunda. Então, tinha aquele questionário, tinha uma parte que você podia mudar, então, eram discussões super ricas. Você imagina era um japonês falando de religião, uma paquistanesa, a gente, alemão.... E aí uma vez decidido o questionário, cada um aplicava no seu país e depois tinha na Alemanha, um laboratório, um instituto que reunia esses dados.

Isso continua, infelizmente, o Brasil saiu, quando eu saí do Iuperj acabou. Mas era uma coisa hercúlea, porque eu tinha que conseguir o dinheiro, que era uma coisa que nenhum outro país tinha. As pessoas tinham um *budget* pra cinco anos, sei lá, dez anos. Então, a gente não conseguia todo ano e eu tinha que trabalhar com coisas muito diversas, porque as pessoas entravam, mas queriam que eu fizesse junto. Por exemplo, a Clara Araújo que ficou responsável por gênero, pediu projeto, porque ela era da área de gênero, ela falou: “Eu faço, mas você vai ter que fazer comigo”.

Então, eu comecei a trabalhar com um monte de áreas que não eram a minha área, mas isso eu acho que foi muito bom, bom e ruim, porque eu acho que eu perdi essa coisa de minha área. Não sei se hoje eu tenho uma área. As pessoas me identificam muito com a área de Estratificação, ainda, lógico os trabalhos que faço e tudo mais, continuo discutindo classe, desigualdade, mas eu acho que...eu sempre falo: “Eu trabalho com desigualdade”, porque é muito mais amplo. Eu comecei a trabalhar com muita coisa, fazia muitas discussões. Eu fiz um *survey*, antes disso até, com a Leilah sobre doação e trabalho voluntário.

J – A Leilah Assumpção?

C – A Leilah Landim.

J – Acho que ela é Assumpção também. “A invenção das ONGs”, não é? Ela tem uma tese sobre isso.

C – Isso. E aí a gente um *survey* também internacional, ela me chamou, acho que ela estava no Iser [Instituto de Estudos da Religião] na época, alguém acho que falou, Leandro, pra ela: “Ah, tem uma pessoa que trabalha com isso”. Foi bem no início quando eu entrei no Iuperj. Ela me chamou e era uma coisa super legal, inclusive, foi lançado no ano do trabalho voluntário, que a Ruth Cardoso tinha aquele trabalho da Sociedade Solidária...

J – Comunidade Solidária.

C - É, então, a Ruth foi para o lançamento, foi um trabalho muito...super impactante, ele esgotou. Era um livro fininho, mas acabou igual água numa frigideira quente. Foi interessante aquele trabalho. Tive que ler, comecei a ler *Bowling alone*², tudo o que tinha dessa coisa de redes, voluntariado.... Então, eu fazia esses exercícios de procurar outras coisas.

J – E pela sua expertise, por você ter toda essa formação que a maioria absoluta dos sociólogos não têm, todo mundo queria você para várias coisas, como é que eram esses trabalhos em grupo? Por exemplo, você falou da Clara Araújo, era uma coisa meio tinha uma divisão do trabalho ou vocês o tempo inteiro estavam juntas debatendo tudo?

C – O tempo inteiro a gente debatia tudo. Pra mim seria até mais fácil: “Eu faço, você roda”, mas não rolava, até porque eu acho que as pessoas são muito inseguras em relação a isso, elas não sabem o que vão pedir. Rodar o dado é fácil, você tem que saber o que você vai perguntar para o dado. É igual você vai pra campo, mas o que você vai perguntar para o entrevistado? Você tem que ter um roteiro, uma questão de pesquisa, uma estrutura do que você quer saber. Você tem que saber o que você quer saber e como você vai conseguir saber aquilo.

Eu acho que fazer pesquisa, lógico que você aprende, aprende técnicas, mas eu acho que tem um... um bom pesquisador é igual pianista, você pode aprender a tocar piano, mas ser um bom pianista tem que ter alguma coisa diferente. Eu acho que tem que ter curiosidade, tem que ter uma cabeça arrumada...por exemplo, eu vou dar agora o curso de “Introdução à Metodologia das Ciências Sociais”. Eu passo o curso praticamente inteiro ensinando a fazer um projeto de pesquisa: o que é um problema de pesquisa, o que é objetivo, o que é objeto, o que é justificativa, o que é objetivo principal ou secundário, como é que você faz, se você vai montar um questionário o que dá certo e o que não dá, seja ele um quanti ou um quali, um roteiro de grupo focal. Você tem que ter essa...não sei, tem uma manha.

² Putnam RD. *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community*. New York: Simon & Schuster; 2000.

Como as pessoas não trabalham com os dados, elas também ficam inseguras, elas não sabem exatamente. Então, era sempre assim: “O que a gente vai...? Olha, o banco tem essa dimensão, essa e essa, com tais perguntas, como é que a gente pode armar? ”. Isso era eu, era uma coisa que a gente tinha que fazer juntas.

J – Então, você tinha um contato direto.

C – O tempo todo. Eu lia literatura, eu ia dentro do negócio, não era só: “Ah, vamos fazer...”. Isso tinha um custo enorme pra mim.

J – De tempo.

C – Mas foi legal, valeu a pena.

J – No varejo da pesquisa como é que você fazia? Você contratava uma equipe?

C – A gente contrata uma empresa.

J – Não eram estudantes?

C – Não, não, isso aí não dá.

J – Foi sempre assim? Tinha o orçamento, você contratava a empresa...

C – Sempre assim. A Leilah foi o Ibope, nas pesquisas do ISSP a gente fez com aquela de Minas, que tem um cara estudou no Iuperj, Sensus³. Porque se a pesquisa é nacional, você tem que ter uma rede nacional. Se a pesquisa é no Rio, na cidade, você pode até arriscar fazer com estudante, uma coisa menos profissional, tem que ter o supervisor de campo, tem toda uma estrutura, não é só mandar gente, você tem que ter supervisor de campo, o cara que vai confirmar se foi perguntado mesmo...

J – Você marcava um pouco em cima disso ou era mais você contratava uma equipe e recuava?

C – Eu contratava e tinha que confiar.

J – E eles entregavam o que pra você?

C – Entregavam o banco de dados.

J – O banco de dados, que maravilha.

C – É, então, você pensa o questionário, eu acho que a parte mais difícil era negociar o questionário, porque vinha o questionário dos Estados Unidos, mas obviamente ninguém no Brasil, com a carência que a gente tem de dados, de banco de dados, de dados mesmo, por exemplo, sobre gênero tinha uma série de questões que não estavam naquele questionário. O questionário ele tem um tamanho também para não cansar muito o entrevistado. E aí era uma

³ <https://www.sensus.com.br/>

loucura, porque a Clara convidava seis ou sete feministas, pessoas que trabalham com gênero, e vamos pensar questões, e aí virava uma loucura [risos]. Eu era a pessoa que ficava: “Não, não pode botar tanto, assim não funciona”. Eu acho que a parte mais difícil, talvez de qualquer pesquisa que você faz a coleta dos dados quanti, é pensar o questionário: o que funciona, o que não vai funcionar, o que tem que perguntar, principalmente, quem tem uma tradição de fazer trabalho quali, é muito diferente de um roteiro de entrevista. Eu já fiz os dois. Faço os dois. É totalmente diferente, você pode fazer com grupo focal ou com entrevista em profundidade é muito diferente de um questionário. No questionário, você não tem volta, se você não entendeu o que o cara respondeu, não tem uma segunda pergunta, então aquilo ali tem que dar certo. Então, era bem difícil, porque você tinha que sair cortando: “Olha gente, isso não dá, não encaixa, isso é uma outra questão”, enfim.

J – Quando chegava o banco de dados...

C – Era uma alegria.

J – ...tinha um momento que você tinha que ir ali ficar mastigando a coisa e você tinha que escrever ou você pensava olhando, mexendo aqui e ali?

C – Eu acho que quando você faz o questionário, quando você pensa o projeto, porque o banco de dados é resultado de um projeto, de um problema, essa cabeça do pesquisador, tem um problema de pesquisa, você tem uma grande questão ou três, você vai perguntar, você já está...aquilo já o do teu domínio. O banco de dados vem com a informação que você quer, que você pensou antes. Às vezes você tem uma surpresa: “Poxa, realmente, essa questão aqui dá pra olhar de outro jeito”, mas você tem o roteiro do que você perguntou e do que você quer coletar. Então, quando vai para o banco, você já sabe o que vai perguntar, não tem essa coisa de ficar um pouco...as pessoas acham: “Ah, você vai pegar o banco de dados e vai ficar futucando pra ver se acha alguma coisa”. Não, ele já está lá, ele já está pronto, ele é o que você queria que ele fosse. Se desenhou errado, tchau, perdeu uma grana e não vai arrumar nada, depende da pesquisa que você fez. Então, eu acho que é mais certo. “A questão é essa, vão me dar isso”.

Às vezes, você tem surpresas, o banco de dados é tão amplo, você faz a pesquisa para uma coisa, mas o que você coletou pode dar mais dez pesquisas, teses, além daquela. Acontece muito isso. Se eu voltasse à pesquisa que eu fiz em 2000, 2001, eu hoje encontraria talvez muita coisa que na hora não me interessou escrever sobre, porque meu questionamento era outro.

J – E como você estava fazendo com outras pessoas, você chamava essas outras pessoas? “O nosso banco está assim, vamos olhar isso aí.”

C – Aí sim, eu falei: “E agora? Como nós vamos fazer? Que questão a gente seleciona? O que a gente vai juntar com que?”. Às vezes eu já vinha com um modelo...

J – Você já meio direcionava.

C – É, porque na verdade o modelo de gênero é um modelo teórico. Então, o que você relaciona com que, é gênero com, sei lá, tempo dedicado às tarefas domésticas, as relações estão ali das, o que a gente chama de variáveis, mas as questões. Ele é um modelo substantivo, você tem uma questão substantiva ali.

J – Quando você montava esses projetos, você já tinha na cabeça assim: “Olha, depois quando a gente tiver esse banco de dados, eu vou escrever um artigo que eu queria apresentar numa conferência ou isso vale um livro”. Você já tinha uma certa clareza?

C – Não, infelizmente.

J – Você gostaria de ter já isso?

C – Eu acho que eu teria feito muito mais coisa se eu fosse mais organizada nesse sentido. Eu acho que eu escrevi muita coisa que nunca foi publicada, que ficou na gaveta, que foi apresentada em congresso, mas nunca virou artigo. Muita coisa boa, que eu acho melhor até do que o que foi publicado e nunca foi publicado. Coisas que eu publiquei em livros que eu deveria ter publicado primeiro em periódico, porque os livros esgotaram. Esse de gênero mesmo está esgotado, é da FGV. O outro que era o meu favorito que era a pesquisa sobre desigualdade, que é “Percepção e desigualdade”, também esgotou na UFMG rapidamente, e eu não sei o que eu faço com ele, porque nunca foi publicado nada. Eu publiquei depois do livro já feito, porque me pediram: “Ah, mas porque você não analisa uma outra coisa”, que não estava ali.

Então, eu acho que a divulgação fica um pouco prejudicada quando está só no livro. Eu acho que é muito mais fácil você ter, por exemplo, nas aulas mesmo, você baixar um *pdf* de uma revista. O livro você não pode fazer isso, tem direito autoral, é muito mais complicado, é caro, para os profissionais é caro. Então, a divulgação do artigo é muito mais fácil e aí isso eu tenho um certo arrependimento de não ter feito. Teve banco de dados que eu não fiz nada, que eu não escrevi nada. De redes sociais, por exemplo, que eu fiz com a Leilah, a gente nunca escreveu um texto, nem sei se eu deveria estar falando isso. Foi uma grana, a gente botou ali, depois não sei.

Essa pesquisa com a Leilah foi muito interessante, porque foi um momento assim 1999, 2000, e como ela era antropóloga, eu fui...a gente foi muito criticada e ela um pouco...as pessoas se iam bater, batiam em mim, porque: “Ah, isso não pode ser feito com quanti”. Tinha um pouco que tentar legitimar aquele trabalho, porque como o ambiente que ela circulava era mais o pessoal da antropologia, tinha uma desconfiança muito grande dos dados. Mas, enfim, o livro foi um sucesso, até hoje tem gente que me pede esse livro, 18 anos depois, aquelas coisas de *ResearchGate*, o pessoal: “Ah, queria uma cópia”....

J – O livro você escreveu com a Leilah. Como é que era escrever a quatro mãos? Como vocês faziam?

C – Até hoje, eu dificilmente escrevo sozinha.

J – E como é na prática? Todo mundo lê tudo e escreve tudo?

C – Todo mundo lê tudo, mas escreve tudo não, cada um escreve um pedaço. Às vezes alguém escreve e depois o outro vem por cima e põe...por exemplo, agora eu fiz um texto com o Alcides [José Alcides Figueiredo Santos] e foi um período muito difícil, porque eu estava no negócio da Capes terminando avaliação e ele praticamente carregou. Então, ele fez o texto, aí eu vim e inseri pedaços, escrevi uma parte, mas assim, ele escreveu dois terços, eu escrevi um terço. Então é isso, os dois estão pensando juntos, mas nem sempre é 50%, *fifty-fifty* não existe. Você às vezes fala de uma coisa que você sabe mais o outro fala de outra. Quando é quanti, às vezes, alguém faz a análise e você vai junto discute depois escreve, quali também. Separa as falas. Eu já fiz também texto com grupo focal e com entrevista, então, às vezes alguém estrutura o texto e o outro vai lá e arruma. É meio...depende muito do parceiro com quem você está trabalhando.

J – Mas para Celi escritora, quando chega sua parte, você precisa ter um esqueminha ou você só senta quando você sabe o que vai fazer?

C – Não, eu sento e escrevo. É página em braço.

J – Não tem esqueminha nem nada.

C – É, o negócio é meio...mas eu fiz Jornalismo, né?

J – Ajuda.

C – Ajuda, eu acho que ajuda você ter um texto arrumado na tua cabeça. Agora, isso ajuda e atrapalha, por exemplo, eu escrevo muito pouco, meu texto é muito curto.

J – É mais objetivo.

C – É, então, isso às vezes é: “Ah, o texto tá pequeno”. E aí eu: “Ai meu deus e agora? Vou ter que começar a botar citação...”. Você começa a inventar umas coisas. Eu acho um horror isso.

Eu acho que o texto se é 8 páginas, é 8 páginas. Se é 12, se eu consegui falar em 12: “Mas tá faltando informação?”. “Não, mas tá curto”. Se eu falar em 10 beleza, melhor para quem vai ler, vai ter menos trabalho. Eu acho que tem uma cultura aqui no Brasil de escrever mais, tem que argumentar muito. Eu acho que eu tenho uma escola mais anglo-saxônica: “Olha, a pesquisa é pra isso, eu usei esse método e cheguei a essa conclusão. Nessa discussão está fulano, ciclano e beltrano, vai lá na fonte se quiser, na teoria se diz isso, tem essa divergência, o debate é esse. Eu olhei isso e encontrei aquilo”.

J – E na época quando você estava no Iuperj, você escrevia só lá ou você escrevia em casa?

C – Não, eu sempre escrevo em casa. Não consigo trabalhar em outro lugar.

J – Então, você tirava um dia?

C – É, tirava um dia, tirava fim de semana...não sei, a hora que precisasse, eu me internava e fazia. No Iuperj, eu até escrevia mais...aconteciam também de escrever lá, mas era uma coisa mais ou menos...

J – Não era sua preferência.

C – Não. Agora, eu trabalhava mais no Iuperj do que eu trabalho na UFRJ, porque era menor, menos alunos, menos colegas, é bem pequeno o grupo. E agora, a UFRJ é muito maior. Eu tenho uma sala muito melhor do que eu tinha no Iuperj, mas tem mais demanda, tem mais dispersão. Eu sou uma pessoa muito dispersa.

J – Mas em casa não é ruim? Porque tem a televisão, internet...

C – Pois é, mas tem uma coisa também que às vezes as pessoas dispersas têm uma coisa chamada hiperfoco. Então, se eu entrar numa que eu tenho que fazer, o mundo pode cair que eu não vou prestar atenção. As pessoas entram, falam, saem, meu filho cansou de fazer isso, eu tenho um filho que agora está grande, mas quando ele era pequeno: “Mãe, blabláblá...”, saía e depois: “Mãe, eu falei...”. “Você falou? Você entrou no quarto?”. Não via, fica invisível mesmo pra mim, acontece quando eu estou na pressão. Eu acho que eu trabalho muito sob pressão [risos]. Nem devia falar isso, porque agora todo mundo vai pressionar: “Ah, então é assim que tem que fazer”.

J – Você tem escritório?

C – Tenho, sempre tive.

J – Um lugarzinho que você montava.

C – Quando eu estava trabalhando no Iuperj, eu morava em Copacabana, eu tinha realmente uma sala, e agora o meu quarto tem tipo um puxadinho que é um escritório.

J – Mas na época que você morava em Copacabana, você morava sozinha ou você tava casada?

C – Eu tava casada.

J – E como é que era pra dividir o trabalho? Se precisasse se internar num fim de semana...

C – Não, mas meu ex-marido também é sociólogo, então, ele se internava também. Aliás, ele vive internado, diferente de mim que sou muito mais desinterna, vou ver televisão, leio literatura. Ele não, ele era muito mais *workaholic* do que eu. Então, não era um problema, porque ele tava sempre trabalhando, então, eu ia para o meu canto e trabalhava. Ficava cada um no seu canto no mesmo escritório, mas cada um no seu espaço.

J – E depois com os filhos? Muda isso um pouco? Essa possibilidade de internar.

C – Então, quando eu me separei, o Nicolás tinha dois anos, muda bastante. Agora, eu sempre tive alguém que trabalhava comigo. Então, eu falo que um dia eu tenho que escrever um livro e dedicar às mulheres da minha vida, porque eu acho que eu só consegui fazer a carreira que eu fiz, porque tinha alguém que ocupou esse lugar - usando o livro que eu fiz com a Leilah - do cuidado da casa. Eu terceirizei essa coisa doméstica, a casa, a comida, filho não dá, tem uma hora que você dá atenção, mas eu dividia com a babá, com a escola, ficava na creche com dois anos.

Então, é diferente, muda bastante, mas eu consegui ter um espaço que era meu e não só para trabalhar, isso pra mim sempre foi muito importante. É uma coisa meio de personalidade e eu converso isso com meu filho, ele tá com 16 anos. Tem uma hora que é pra mim. Eu lembro que quando o Nicolás estava com dois, três meses, eu saí com umas amigas pra jantar: “Mas como você tá aqui? E o filho? ”. “Tá com o pai dele”. Então, pra mim era uma coisa meio maluca, mas eu mantive mesmo com filho. Com três meses, ele tinha três meses de idade, eu fui para a SBS, o Inácio foi levando, eu amamentava, ia para o GT, eu coordenava o GT, na hora do intervalo eu ia para o quarto, ficava com ele, voltava para o GT, enfim, era isso. Foi a SBS do Ceará, ele nasceu em maio, deve ter sido em julho. Aí naquele mesmo ano eu fui pra Anpocs, o Inácio foi levando...o Inácio também tinha isso, ficava com ele pra eu ir e a gente se revezava. Então, eu não sei se eu faria de novo, mas eu entrei numa que eu iria ter filho, mas que aquilo não seria um entrave pra minha carreira. Então, tudo o que eu tivesse que fazer, eu faria mesmo com filho, mesmo sendo mãe. Eu hoje, não sei, eu acho que é muito estresse. Eu voltei a dar aula no Iuperj, porque me pediram, eu não completei a licença. Eu voltei, ele tinha três meses.

J – Eles pediram pra você voltar?

C – Pediram, o negócio lá era complicado. Me pediram para dar um curso, tudo bem que era seminário de tese, mas eu voltei na boa, até acho que eu gostei um pouco de sair de casa. Aquela coisa de ficar em casa com filho. Eu acho difícil a maternidade. É uma coisa muito legal, transformadora, mas que tem um peso muito grande pra mulher, isso tem que ser dito. Tinha dias que eu tava o dia inteiro em casa, descabelada, duas horas da tarde não tinha escovado o dente, meio selvagem. É uma coisa absolutamente selvagem. Então, ter esse momento “vou me arrumar, vou sair, o pai está lá, a babá” pra mim era bom, eu não achava muito ruim não [risos]. É conflitivo, porque você tem uma certa culpa de deixar o filho, eu gostava de estar com ele obviamente, ele era uma fofura, mas eu gostava do meu trabalho também.

Então, eu acho que eu tentei, não sei se eu fui bem-sucedida, mas compatibilizar isso e não abrir tanto mão... Com essa coisa de terceirizar o trabalho doméstico, eu acho que eu vivi mais paternidade do que maternidade, eu tentei fazer uma coisa: “Por que os homens podem uma semana depois voltar para o trabalho - lógico que fisicamente isso era impossível, eu fiz cesariana – e eu não posso? Eu tenho que me sentir culpada? ”. Foi difícil, foi muito cansativo, mas acho que eu consegui conciliar bem isso, não abrir mão.

J – Mas aí você estava ali no final dos anos 1990, começo do século XXI, no IUPERJ, naquela época a crise ainda não estava batendo forte, um lugar de excelência, recrutava os melhores pesquisadores, eu imagino, eu era estudante em 2000, 2001, que era um ambiente que tinha uma competição, que tinha talvez uma pressão por produtividade. Você sentia isso? Isso estava presente no teu cotidiano?

C – Não, eu acho que isso...até hoje eu acho que tem que fazer, pra mim era uma parte do trabalho.

J – Não era algo externo que vinha em cima de você.

C – Não, eu acho que publicar é uma parte do trabalho, importante. E agora que eu saí da Capes, nessa minha passagem pela Capes, eu acho ainda mais, na convivência com as outras disciplinas, por isso que eu falo: tem coisas que eu me arrependo que ficaram na gaveta, que eu nunca publiquei. O trabalho que não é publicado não existe. A gente só existe o que a gente publica. É difícil, eu acho que a produção intelectual é difícil, é muito difícil escrever. Eu falo assim: “Eu fiz Jornalismo”, mas é um sofrimento. A página em branco é um drama pra mim. Eu sento e fico: “E agora? ”, cato alguma coisa que eu escrevi antes ou alguém pra servir de inspiração, alguma coisa que eu li. É muito sofrido produzir texto, mas a gente tem que fazer. Eu acho que talvez a gente tem que mudar um pouco o estilo, dessa coisa de textos mais longos,

mais elaborados, quase literários para um estilo mais profissional, mais científico no que der, eu acho que nem toda área da Sociologia...a Sociologia é muito diversa, mas mais parecido com uma produção científica mesmo. E publicar mais.

Eu acho que tem duas coisas que diferenciam. Uma coisa que eu acho fundamental, eu conversava com os meus colegas das biológicas, da física, eles não precisam ter um trabalho completo para publicar e a gente não consegue publicar um trabalho que ainda não está, na nossa cabeça, finalizado. Por exemplo, fez um banco de dados, análise preliminares do teu banco, por que você não pode botar aquilo? Ou como você construiu o questionário, por que a gente não faz isso? Esse processo de pesquisa, de criação, produção, a gente desconhece e não precisaria. Eu acho que quando você publica textos de uma pesquisa em andamento, você encontra parceiros...aqui, fora. Às vezes acontece, você acaba uma pesquisa, fechou tudo e publica, aí alguém fala: “Poxa, mas eu tava fazendo, eu tenho um aluno que tá fazendo...”. A última pesquisa da classe média foi muito assim. Eu descobri a pesquisa da Helena [Bomeny], porque eu dei um parecer pra ela. Eu não sabia e ela já tinha coisa.

A gente não tem esse trabalho de mais debate, mais em conjunto, em comunidade. Isso eu gostaria de ver nas Ciências Sociais. Não sei se eu vou conseguir, mas eu juro que eu vou tentar. “Ah, tá fazendo, eu tô fazendo, vamos complementar, você faz esse pedaço, eu faço aquele”. Que tem nas Ciências...eu não sei se é possível, mas eu acho legal fazer isso. Eu acho bacana.

J – Agora, você tem também coisas fora do Brasil, artigos. Como é que é pra você? Você escreve direto em inglês?

C – Não.

J – Você escreve em português?

C – Escrevo em português.

J – Aí você contrata alguém pra traduzir?

C – E aí eu contrato alguém pra traduzir. Mas eu não quero mais...eu poderia escrever em inglês, eu acho que é uma preguiça. Pra mim é muito mais rápido escrever em português e depois traduzir do que ficar ali...o sofrimento já é grande pra escrever em português, escrever em inglês é mais sofrido ainda, mas eu quero. Agora que eu acho que vou ter mais tempo, não sei se eu vou ter, com a saída dessa coisa institucional, acabar com esse lado de representação institucional na minha vida e ficar mais dedicada à pesquisa. A minha vontade é de fato investir e escrever direto em inglês. Eu acho que é um texto já mais enxuto. Eu escrevo coisas em

inglês, conferências, mas não publicadas, eu acho que elas saem mais enxutas, mais organizadas, não tão bom quanto em português, porque eu não tenho...

J – Não é a primeira língua.

C – E eu não tenho vocabulário, infelizmente, em inglês como eu tenho em português. Em português, eu brinco mais com a palavra, eu consigo encontrar mais sinônimos, mas o texto é mais objetivo. Eu consigo dizer de uma forma mais clara às vezes [em inglês] do que no português.

Eu sempre escrevo, porque dificilmente eu falo de improviso, eu sempre leio quando tem conferência, palestra, alguma coisa assim. Quando é discutir um trabalho, aí não, mas se eu vou para uma conferência, principalmente, internacional, aí eu leio.

J – Você lê um texto ou lê notas?

C – Depende, geralmente, eu leio um texto. Eu faço um texto, leio e introduzo cacos - como dizem os atores [risos], mas depende. Se for uma coisa que eu estiver apresentando dados, isso aí não, se eu tiver um Power Point, se eu tiver algo para me guiar, uma leitura do dado ou da pesquisa pra mim é mais fácil, mas se for uma conferência mesmo que eu vou falar sobre a Sociologia, aí eu leio. Mas em português também.

J – Celi orientadora. Como é que foi orientar quando você começou? Você tem que marcar em cima ou você deixa rolar?

C – No início, eu tinha pouco...eu sempre tive pouco orientando por causa da área. É uma área um pouco árida, então, as pessoas não me procuram. Não sei se eu tenho fama de má com os alunos, eu espero que não, mas não é uma área que tenha um fluxo muito grande de orientandos. Eu geralmente deixo rolar até porque eu sou desorganizada, então...

J – Tem que ser procurada pelos alunos.

C – Não, eu cato também, quando tá sumido, eu vou lá: “Fulano, o que tá fazendo? ”. Mas assim, eu reajo...eu não gosto de intervir, eu sou muito liberal nesse sentido. Eu acho que o cara tem que fazer, ele tem que encontrar o caminho dele. Então, essa coisa: “Não, você vai fazer...”. Sabe aqueles professores que chegam e falam: “Olha, eu estou fazendo essa pesquisa, você vai fazer essa parte, vai usar essa metodologia, porque eu li, é a última lá nos Estados Unidos, eu acho legal”? Não, eu deixo o cara: “Você quer fazer o quê? Como é que você acha que vai fazer? O que você leu? Cata a bibliografia. ” Eu posso dar alguma coisa, mas eu acho que ele tem que ir atrás, principalmente, no doutorado. Mestrado, hoje em dia, as dissertações são mais tranquilas, se realmente dá uma falha, eu falo: “Olha, faz alguma coisa nesse modelo

aqui”. Mas o doutorado eu acho que tem uma coisa de criar autonomia, porque na nossa área é diferente das outras e que você entra num...

J – Num laboratório.

C – Exatamente, você entra num laboratório pra fazer uma parte de uma grande pesquisa. A gente não tem grande pesquisa, é mais autoral. Então, eu acho que tem uma coisa de criação de autonomia. Eu não sei se é bom isso, mas eu sou muito liberal, eu deixo. Aí quando some, eu vou atrás: “Fulano, e aí tá fazendo o quê? Vai entregar o quê? Manda alguma coisa. ”. Mas eu tendo sempre a reagir a partir do que o aluno me apresenta. Eu não apresento não, eu espero ele trazer.

J – Mas, no caso, nos trabalhos dos teus alunos têm uma dimensão técnica, banco de dados, a qualidade desse banco, você chega a tentar meter a mão? Meter a mão no sentido de: “Deixa eu ver isso aí como é que tá. ”

C – Ah sim, isso sim.

J – “Vamos ver, isso aqui talvez”.

C – Depende, depende da pessoa. Por exemplo, eu tive um orientando que fez a tese sobre classe média, ele usou quanti e quali. No quanti, eu só olhei os resultados, porque ele é muito bom. Então, assim, você tem que saber, de repente o cara sabe mais do que eu. Eu tenho orientandos, ou ex-orientandos que sabem mais de metodologia do que eu, porque chega um momento que...eu fiz alguns cursos, mas não estou afim mais de fazer curso de Estatística, de aprender uma técnica nova. Eu gosto de Estatística, eu acho que eu tenho uma cabeça legal pra pensar a coisa do modelo, não Estatística, mas a forma como você trabalha o quanti, mas não é uma coisa que eu acho legal ficar estudando técnicas de Estatística, isso aí pra mim deu: “Ah, agora tem uma coisa nova...”, deixa o pessoal mais novo fazer. Eu prefiro ler o que os colegas estão fazendo, as coisas substantivas. A coisa da técnica não é meu foco estudar Estatística, fazer uma coisa ultramoderna em Estatística, porque eu acho que a área de Estatística – isso foi me afastando também da área – ela foi ficando pouco criativa, pouco desafiadora e muito centrada na coisa técnica. Então, as pessoas pegam: “Ah, porque o lance do texto é porque o cara aplicou um modelo muito sofisticado de Estatística”, mas a conclusão é uma coisa que talvez se o cara tivesse usado uma tabela, uma regressão simples, tinha chegado na mesma coisa. Pra que se dar ao trabalho? Porque o foco não é isso, ela é um instrumento como é qualquer metodologia qualitativa ou quantitativa, tem que ver o que eu preciso usar para aquele problema que eu estou colocando, que eu estou pensando, pra responder uma questão que eu

fiz, que método...e usar. Método não é o teu objetivo, desenvolver isso, você precisa desenvolver uma teoria, uma questão substantiva, uma discussão sociológica; e não o método. O método serve.

J – Você também tem um lado forte na internacionalização. Eu já te encontrei em congresso da ISA [*International Sociological Association*]...isso foi aparecendo pra você espontaneamente ou foi algo que em algum momento você falou: “Eu gostaria de ter uma presença, eu gostaria de dialogar, vou escolher tais lugares...”?

C – Não, eu sempre...quando eu fui fazer o doutorado fora, isso era uma coisa que eu queria, ter uma carreira internacional e tudo mais, mas não tinha nenhuma estratégia e nem fiz muito esforço. Eu falei: “Ah, eu quero um dia ter uma carreira...poder dialogar com pessoas fora do país, viajar, conhecer e saber como é que se trabalha fora...”, mas foi acontecendo, eu não fiz nada pra isso.

Teve essa situação de eu coordenar a ISSP aqui no Brasil, era representante do Brasil lá. Então, eu comecei a me expor muito na Sociologia, embora eu nunca mais tenha encontrado aquelas pessoas, porque tinha uma coisa interessante na ISSP que muita gente não era sociólogo, às vezes era um cara que tinha uma empresa de *survey*, porque você tinha que fazer o *survey*. Muitos eram sociólogos, mas em alguns países era estranho era, por exemplo, o cara do IBGE deles lá que ia, na Rússia, por exemplo, então, era alguém do *bureau* de Estatística que ia. Podia ter sociólogo, mas não era uma coisa acadêmica, eram poucos, mas enfim...ainda encontro algumas pessoas na ISA que foram da ISSP.

Então, teve isso. Isso me fez ver como é que era esse mundo, como é que é trabalhar no contexto internacional com colegas que vêm de uma sociedade que tem uma história diferente, que tem uma cultura diferente. E depois eu acho que...eu frequentava muito - as pessoas ainda cobram que eu passei a frequentar menos por conta de outras demandas - o RC28 [*Research Committees – 28*] que era o RC de Estratificação e Mobilidade social da ISA. Eu fiz um evento no Rio, então, o pessoal me conhecia muito por causa disso, até hoje as pessoas lembram. Foi um evento muito bem-sucedido, eu tava no Iuperj.

J – Foi no Iuperj o evento?

C – Foi, em 2004. E eles ainda lembram muito de mim, convidam para as coisas e continuamos tendo uma relação com os colegas da área. Depois eu fui pra SBS [*Sociedade Brasileira de Sociologia*], e a SBS tem essa pegada internacional. O Tom [Dwyer] tem o projeto dos BRICS, me puxou para o projeto dos BRICS. A gente está dando um curso agora em inglês. Eu estou

dando um curso no PPGSA em inglês sobre estratificação, “*Social stratification in the BRICs countries*”. E depois da SBS é a ISA.

A SBS tem um pouco essa estratégia de ter sociólogos brasileiros no *board* e o Tom saiu, eu me candidatei e fui eleita, então, na última gestão eu estava lá. Então assim, não foi uma estratégia, foi acontecendo, alguém me chamava e eu ia. Eu tinha uma pré-disposição, mas eu não procurei nada, tudo veio de algum jeito bater na porta, nesse sentido.

J – E essa coisa tua associativa, porque você foi da SBS, você foi da Capes, o Iuperj era um lugar que tinha uma vida institucional também, você participava? Como é que era pra você? Era absorvente ou era algo que te cansava um pouco? Departamento, colegiado, etc.

C – Assim, o Iuperj não tinha departamento, era a coordenação da área que eu fiquei dois anos... Eu brinco assim “Eu sou um bom soldado”, se você chegar e falar assim: “Olha, Celi agora está precisando de alguém em tal lugar e a gente acha que você tem o perfil”, geralmente, eu obedeço, eu sou obediente, eu vou lá e faço o trabalho, é isso. Eu acho que alguém tem que fazer, tem gente que gosta mais ou menos, tem mais aptidão ou menos, mas se você tem um grupo de pessoas que acham que você é a pessoa que naquele momento tem que assumir, eu vou e pego, então, não fujo não. Aí fiz a coordenação, mas no Iuperj eu não tinha...eu sempre me recusei a fazer parte da diretoria do Iuperj, tive vários convites.

J – Por quê?

C – Porque eu não gostava, eu fiz muita coisa, mas na verdade eu não gosto muito dessa vida institucional. Eu acho que rouba muito o meu tempo de pesquisa. Eu gosto de dar aula também, gosto bastante, dar aula pra graduação principalmente mais até do que pra Pós. Tanto que eu nunca tive cargo na UFRJ, tive coordenação da Pós, porque acho que isso daí não tem muito como você fugir, mas eu não gosto de pensar em Pró-reitoria, diretor.... Eu não gosto da burocracia, eu não gosto de ler burocracia. Se eu tiver, eu vou fazer, vou ler, vou conhecer, mas ler o regimento.... Eu lembro quando eu fui coordenadora da Pós no IFCS, eu peguei o regimento da UFRJ e lia...aquilo pra mim é muito chato. Eu não gosto dessa coisa burocrática, eu acho que eu não tenho paciência e não faço bem. Então, no Iuperj, eu fui coordenadora. Eu tive vários convites pra ser diretora, mas não queria, não gostava. Achava que também estava numa fase da carreira de fazer outras coisas.

A SBS foi diferente, a SBS é uma coisa que...é engraçado, eu acho que algumas pessoas...é uma associação que conseguiu criar um espírito de corpo, usando uma palavra militar, é interessante alguns sociólogos. Isso me pegou. Eu tenho um carinho enorme pela SBS e todos

os ex-presidentes têm, é engraçado, realmente é uma comunidade. Então, a gente se preocupa, segue, vê se está bem de financeiro ou não está. A gente também tem uma coisa de se consultar, de conversar, virou um grupo de fato. A gente tem até um Whats App. A gente fala pouco no Whats App ainda bem, mas quando tem algum problema próximo do congresso, tudo isso passa pelos ex-presidentes.

A SBS foi engraçado, como é que eu entrei? Eu coordenei GT...já nova quando teve SBS em Porto Alegre, foi em 1999, eu tinha pouco tempo, mas o Zé Vicente [José Vicente Tavares dos Santos] me chamou pra coordenar um GT e aí eu nunca mais deixei a SBS. Comecei a coordenar GT, depois criamos outro GT, criamos o GT de desigualdade que eu criei, alimentei, vi crescer e depois saí. Entrei para diretoria, acho que foi em 2005 em Belo Horizonte. Aí no do Rio, eu fui secretária-geral e o pessoal me indicou pra presidente. Eu não queria, porque eu saí muito cansada, foi muito barra pesada, acabou o congresso, eu tive um herpes zoster de baixa imunidade pra você ter ideia. Então, foi muito barra pesada. Fazer um congresso na UFRJ é uma experiência, realmente, para nunca mais. É uma missão quase impossível. Eu andava aquele campus, eu não assisti nada, era um trabalho brutal antes, durante e depois. Aí eu falei: “Chega, agora não quero mais saber, a SBS é para eu ir lá apresentar”. Mas aí vieram, me ligaram e eu acabei fazendo. Aí fui para presidência, fiz o congresso de Curitiba e saí. Foram dois anos, acho que eu nunca vou para a reeleição, acho que eu tenho que desapegar. Curitiba foi muito legal trabalhar com o pessoal lá, foi uma experiência fantástica. Foi uma das melhores experiências que eu tive na minha carreira.

J – Foi aquela de Curitiba?

C – Foi a de Curitiba. As pessoas tinham um comprometimento enorme de fazer o congresso, perfeito. Eram três pessoas. Chegou um ponto que eu ia todo mês pra Curitiba. Era eu, a secretária-geral que era a Ana Luiza Sallas e o José Miguel Rasia, que era o presidente do congresso. A gente se encontrava todo mês lá e eram três pessoas absolutamente obsessivas. Então, assim: “O Congresso tem que ser perfeito da flor no palco à festa, pegar o pesquisador internacional chegando no aeroporto”. E foi. Aquele congresso, até hoje as pessoas falam, não teve nada fora do lugar, mas olha também foi duro, foi muito trabalho.

J – E o prazer que você teve ali na SBS foi muito por causa desse espírito de corpo que você falou, da sensação de uma comunidade?

C – É, eu acho, de grupo. Eu acho que essa é a minha comunidade. Não é a UFRJ, não é no Rio de Janeiro; é esse grupo.

J – Entendi.

C – Esse grupo a gente trabalha, a gente faz pesquisa às vezes, a gente publica coisas. Fica uma coisa que não é só de amizade, é de pensar a Sociologia de um jeito, com diferenças claro, porque eu e o Tom a gente acha coisas muito diferentes, mas tem uma visão do que a gente acha como é que pode ser, como é que pode melhorar, progredir e um compromisso com isso, mesmo quando as opiniões são diferentes. Isso é, realmente, é onde eu me encontrei com essas pessoas. E vai crescendo, não é um grupo pequeno, só os ex-presidentes, são várias pessoas que tem essa coisa. Quando vai pra ISA: “Como é que a SBS vai? Como é que aparece? ”. Então, eu acho que tem um compromisso com a SBS, que não é com a SBS, é com a Sociologia do Brasil, é bem mais, a SBS é só um local, é só uma sigla, na verdade o que se está pensando é a disciplina.

J – Como é que foi esse tempo da UFRJ? Você foi pra lá em 2006?

C – Em 2006, eu fiz o concurso em 2005.

J – Você não foi pra outra unidade?

C – Fui, isso aí é uma história. Na época o reitor que era o Aloísio [Teixeira], ele criou algumas vagas algumas de professor titular nos centros...a UFRJ tem uma coisa que eu acho que nem uma outra universidade no Brasil tem, talvez isso seja uma coisa histórica, não sei por que, chamada decanias, que não é essa ideia do decano que é o cara mais velho, não, são centros de estudos. Por exemplo, o CCS, Centro de Ciências da Saúde, o CFCH, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, o CT, Centro de Tecnologia, o CCJE, Centro de Estudos Jurídicos e Econômicos. Tem vários.

Tinha uma ideia, que ainda existe, que é aquela coisa da nova universidade na Itália, que é você acabar com essa coisa departamental, implodir um pouco os departamentos e trabalhar de uma forma mais integrada. E o Aloísio teve essa ideia: “Vamos fazer isso, a gente cria essas vagas e essas pessoas terão essa tarefa...”, que nunca se concretizou, porque isso já seria difícil numa universidade minimamente organizada; na UFRJ isso é impossível pelo tamanho, pela diversidade que aquela universidade tem. Então, no CFCH você teria uma pessoa ali para criar um diálogo mais interdisciplinar entre os centros. Aí você pensa: tem a Comunicação, a Psicologia, o Serviço Social, a Educação.... Então, não funcionou em lugar nenhum. Então, eu fiz o concurso, quando eu entrei, eu acho que eu era a professora titular mais nova, até um colega da USP me mandou: “Ah, primeira titular da nossa geração”. Eu tinha 42 anos.

Aí eu entrei e fiquei na decania. A decana na época, a Suely de Almeida, até faleceu, criou um núcleo de políticas públicas e direitos humanos que era um guarda-chuva, mas que depois não funcionou, porque um grupo pegou aquilo pra ele, também o pessoal do IFCS não tinha interesse, mas eu fiquei lá. Na verdade, o pessoal do IFCS rapidamente me chamou pra Pós e eu dei aula na graduação também voluntariamente, ao contrário de muitos colegas que não gostam de dar aula na graduação, eu gosto, então, dei alguns cursos lá.

Foi o período também da SBS. Então, eu também não estava muito na UFRJ. Eu até falo: “Agora, vou pagar minha dívida com a UFRJ”. Eu sempre agradeço à UFRJ como instituição, eu falei isso tanto quanto eu saí da SBS e agora na Capes também, porque ela me disponibilizou pra essa vida institucional fora da UFRJ. Eu ficava com meia carga horária durante o período da Capes, da SBS também eu viajava muito, então, eu estava lá, mas estava também no IFCS. Quando acabou o congresso da SBS, foi aquela coisa, o pessoal do núcleo gostou muito, porque foi lá na Praia Vermelha, eu fui para os Estados Unidos. Não, assumi a coordenação da Pós, fiquei um ano e aí depois fui fazer um sanduíche na universidade em Los Angeles, UCLA [*University of California, Los Angeles*]. Aí quando eu voltei o núcleo já tinha mudado, as pessoas, e a minha localização que estava no núcleo, voltou para a decania. Eu saí e voltei a ficar vinculada ao meu lugar de origem que era a decania, que não tem nada. Aí quando eu voltei pra decania, o decano falou: “Olha Celi, eu estou saindo, eu acho que essa vaga aqui na decania de fato pra você...”, não é nada, porque é um órgão burocrático da UFRJ, “...então, acho que você podia ficar...”. Aí eu falei: “Olha, eu preferia ir para o IFCS, eu acho que tem mais a ver”. E nisso o pessoal do IFCS já querendo conversar com o cara para eu ir pra lá, o departamento, a chefe de departamento, o Zé Ricardo [Ramalho], o pessoal mais antigo. E aí ela foi lá conversou com o decano e negociou a minha ida para o IFCS. E aí agora eu estou totalmente no IFCS. Mas todas essas vagas acabaram...

J - ...sendo incorporadas na lógica departamental.

C – É, não funcionou, foi uma experiência que não deu certo.

J – Celi, agora se chegando na parte final, você já deve estar cansada.

C – Não, imagina.

J – Um dia normal de trabalho da Celi. A rotina começa quando?

C – É caótico, tem dia que começa...

J – Mas você tem que acordar alguma hora.

C – Eu acordo cedo, porque meu filho vai para escola, então, eu acordo 6h30, 6h40. Se eu estiver muito cansada, às vezes eu volto e durmo. Eu tenho um sono maravilhoso, dificilmente.... Nos períodos mais difíceis da minha vida que é quando eu tive câncer, na Capes que foi realmente muito pesado, acho que foi a pior experiência profissional, no sentido não dos colegas ou da vida lá, mas do peso que é você fazer uma avaliação de uma área, eu nunca perdi o sono, nunca tomei remédio pra dormir, às vezes perco o sono, durmo quatro horas, mas nunca tomei remédio, então, eu durmo bem. Mas, ultimamente, eu não tinha rotina, porque com o cargo na Capes, eu ia todo mês pra Brasília, às vezes duas vezes por mês, uma semana e depois mais uma. Dar aula era uma dificuldade, no último semestre eu não dei aula no IFCS, porque eu não tinha rotina. Eu ficava às vezes uma semana em Porto Alegre para fazer o “Qualis Livros”, depois eu ia uma semana pra Brasília. Agora eu até tenho viajado, mas eu estou muito resistente a viagens, porque eu gosto muito de ficar em casa, estou sentindo falta da minha casa e de ter uma rotina. Eu não conseguia nem fazer ginástica, entrei, mas não conseguia, porque eu não tinha dois dias que pudesse dispor na semana, eu estava sempre à disposição da Capes.

Então, eu acordo, se eu tiver que trabalhar às 6h30, eu vou sentar lá no computador, vou fazer, vou escrever. Mas, a maior parte do meu dia eu passo realmente respondendo demandas, e-mails, ainda da Capes, porque eu não saí, muita coisa. Hoje mesmo, respondi vários e-mails de coordenador, porque estavam pedindo para eu fazer uma coisa lá por conta das propostas dos cursos novos. Tive que traduzir a nota da Marielle [Franco]...eu virei um pouco um *hub*. As pessoas falam tem que...mas aí também lógico porque eu estou na ISA, aí agora vem o congresso da ISA, tem que responder a várias coisas da diretoria da ISA. Essa vida institucional é muito absorvente.

J – E como é que você faz pesquisa no meio disso? Consegue?

C – Ah consigo [risos]. Nesse período da Capes não, ficou bem barra pesada. No início, a gente fez até a coisa da classe média, eu fiz várias entrevistas. Mas tem um tempo que eu não vou pra campo. Isso é duro pra mim, porque tem que planejar, tem que fazer reunião com pessoas, mas tem os dados, os dados estão lá, a gente pega. Eu trabalho com a PNAD [Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios], eu fiz um trabalho com os alunos de PIBIC comparando a classe média alta no Brasil e na China, então, a gente rodou os dados da PNAD aqui, eles rodaram, eu ajudei e uma colega chinesa fez também, eles apresentaram na SBS, agora a gente está escrevendo. Então, é isso quando dá encaixa.

E tem uma vida também de filho adolescente. No meio do dia eu tenho que ir na Cobal comprar os ovos que acabaram. Hoje, por exemplo, meus PIBICs vão jantar lá em casa. Vou fazer um jantar, porque dois passaram para o mestrado, então, a gente vai comemorar. Então, hoje de manhã eu acordei fui descongelar o bacalhau, então, tem isso que eu gosto também. Eu vou tentando conciliar tudo. Mas eu espero que agora, saindo da Capes, com o tempo, assim como quando eu saí da SBS, você continua sendo uma referência por um tempo.

J – Um *hub*...

C – É, mas as pessoas fazem a transferência, aquela psicanalítica mesmo, até as pessoas fazerem a transferência para o novo coordenador, elas ainda vão perguntar coisas pra mim. Agora está com o negócio de coleta, as pessoas vêm perguntar coisas. Isso é normal, por um tempo vai durar, mas eu espero que acabe logo, porque realmente é muito demandante. Eu fiquei nisso, porque foi uma coisa atrás da outra: secretaria da SBS, presidência e Capes. Eu fiquei um ano fora e quando eu voltei já cai dentro da Capes.

J – Na Capes, você ficou quanto tempo?

C – Foram quatro anos.

J – Mas pelo o que você fala não foi algo prazeroso como a SBS.

C – Não, de jeito nenhum. Eu ficaria dez congressos da SBS...

J – E na UFRJ [risos].

C – Até na UFRJ, mas não ficaria nem um ano na Capes. É muito difícil.

J – O que é mais difícil?

C – Eu acho que o mais difícil é os colegas entenderem que a avaliação não depende de você como indivíduo, você coordena um trabalho.

J – Você acaba recebendo muito o mal-estar da coisa.

C – É, muito. Avaliador, é muito engraçado, é como professor. Se o cara tira nota alta, tira 10, ele é o gênio da raça, arreventou na prova. Se o cara tira nota 4, “o professor me persegue”, “aquele professor não ensinou direito”, sabe? Essa coisa de você ter dificuldade de fazer uma análise dos problemas que você tem, principalmente, o programa que é um grupo sentar e falar: “Poxa, realmente, a gente tem essa característica, não dava mesmo pra chegar na nota” ou “Caiu, porque de fato isso aqui está...”. É difícil. E tem muita controvérsia pelo próprio sistema de avaliação, mas acaba rebatendo em você. Aí é uma coisa que é foda, eu não criei, tem um documento de área, a gente inclui a área de Sociologia, ela é muito conservadora, o documento é praticamente desde a época do Sérgio Adorno, muda as coisas, porque as coisas mudam, as

métricas e tudo, mas a lógica da avaliação é a mesma há 20 anos. Tem muita teoria conspiratória que eu persegui, que eu fiz, que eu não gosto ou que eu gosto.

J – Isso afetou algumas relações acadêmicas?

C – Pra mim não, mas eu acho que algumas pessoas vão ficar...eu não sei, eu fico meio assim com medo de encontrar [risos]. Eu sei que falam, isso aí chega pra mim que algumas pessoas ficaram com raiva de mim, falam mal de mim. Mas é um custo, enfim, é inevitável. Eu acho que qualquer cargo de coordenação ou que você está à frente de uma instituição ou de um processo...você também ganha inimigo na SBS, você também ganha antipatia, porque a mesa que não foi aprovada. E as pessoas tendem, eu acho que aí é uma característica muito nossa do brasileiro, mas lógico que vários países são assim também, de você colocar na conta pessoal. “Porque a Celi...”. “Poxa, mas tinha 18 membros na comissão, será que eu sou tão poderosa e tão persuasiva de fazer com que 18 pessoas errassem a avaliação, porque eu queria que o resultado fosse diferente? ”. Não tem jeito, é pouco racional. Mas, faz parte, com o tempo eles vão arrumar outro. O Jacob [Carlos Lima] saiu também muito desgastado, aí agora sou eu, aí o próximo...aí vão me esquecer.

J – Por outro lado te deu uma visão geral da área, não é?

C – Ah, sim.

J – O que você aprendeu sobre a área ou o que você avalia da área?

C – Olha, eu acho assim área...eu trabalhei há muitos atrás com o Sérgio Adorno, de 2003 a 2005, foi aquela avaliação, e voltei agora. É lógico que eu tinha uma visão da área, porque eu estava na SBS, que também você está ali vendo quais os campos da Sociologia, o que está mais popular, o que está menos, quem é que está mais ativo, quem é mais comprometido, os programas que estão...então, você tem uma visão.

Eu acho que mudou muito. Isso me dá muita alegria, eu estou falando das coisas ruins, mas tem uma coisa assim muito satisfeita da avaliação. Eu acho que a área da Sociologia hoje é mais desconcentrada, ela ficou mais igual, mais igualitária. Lógico que tem ainda muita diferença de um programa consolidado para um programa jovem de mestrado. Mas, quando você olha, todo mundo faz as coisas com mais esforço, às vezes o pessoal que está começando, os programas são menores, ou com mais profissionalismo que é o pessoal que está na área há mais tempo, mas todo mundo faz o que tem que fazer, o que tem que ter em um programa para ser um programa de excelência todo mundo está fazendo. Às vezes com mais possibilidade de alcançar, às vezes com menos, são questões até estruturais, mas todo mundo sabe. Isso eu acho

que é fundamental para ciência brasileira: você ter parâmetros. Nisso eu acho que a Capes tem um trabalho...a avaliação da Capes, com todas as suas dores, prestou esse enorme serviço para ciência brasileira, porque as pessoas sabem que elas tem que publicar, que é importante estarem inseridas nacionalmente e internacionalmente, que você tem que ter um perfil profissional do egresso de um programa, a inserção do egresso é importante, é uma série de coisas, que não dá para o programa contar com duas pessoas, ele tem que ser mais integrado e todo mundo estar no mesmo esforço de publicação e pesquisa. Eu acho que isso aí criou uma qualidade na Pós-graduação que a gente precisava. A ciência no Brasil precisava disso num determinado momento, podem questionar se continua precisando, eu acho que na nossa área continua precisando.

Mas, assim, criou alguns parâmetros. Tanto que tem questões como o tempo de titulação que não são mais um problema. Eu lembro quando eu estava no comitê do Sérgio Adorno, a gente avaliava se as pessoas tinham doutorado ou não. Isso não existe mais, todo mundo tem doutorado em qualquer lugar seja num mestrado 3 que foi criado recentemente no Piauí, enfim...

Então, eu acho que profissionalizou mais a Pós-graduação e deu uma qualidade à Pós-graduação diferente. Isso eu fiquei bem contente. Eu acho que a nossa área está mais...quando a gente olha os dados - não tem como evitar - o gráfico, ela era uma área que era 3 e 4, agora ela é uma curva normal, quer dizer, a maioria dos programas está concentrada no 4 e no 5, no miolo. Então, ela ficou uma área mais consolidada como a Matemática, como são as áreas mais consolidadas. A Sociologia conseguiu isso. A gente teve o primeiro programa nota 6, PROEX, no Nordeste. Brasília foi promovida para 7 agora. Então, ela ficou mais nacional também, saiu daquele eixo Rio-São Paulo e, assim, de programas que eram muito consolidados. Os programas novos, surpreendentemente, vários subiram: Santa Maria, Pelotas, a rural aqui, a UFF, a Unifesp, que eram mestrados que tinham 4, 5, 6 anos. A maioria dos programas subiu. E eu acho que foi bem legal nesse sentido. A área como um todo está bem melhor.

Agora, falta muita coisa. Eu acho que a internacionalização ainda é um calcanhar de Aquiles, porque a gente sabe, motivos que a gente vem discutindo na SBS e em vários outros fóruns: o nosso sistema de produzir e divulgar conhecimento é muito diferente das *Hard Sciences*, das tecnológicas, da saúde. Mas é muito mais do que foi, tem um esforço de internacionalização, de participar dos fóruns. Eu acho que o que falta é traduzir isso em produção. As pessoas estão fazendo muita coisa, estão num diálogo internacional muito interessante, mas ainda não está

saindo produto em texto, publicação. Mas eu vejo realmente uma diferença, os últimos 10 anos são uma transformação. A Sociologia é muito mais profissional, muito mais internacional. As próprias revistas da área se profissionalizaram, estão com indexadores. Eu acho que a Capes teve um papel importante em empurrar esse processo, que eu acho absolutamente vitorioso, apesar dos descontentamentos que surgiram.

J – Estamos quase terminando, Celi. As últimas perguntas são bem simples e são sobre hábitos. Redes sociais.

C – Eu não tenho Facebook.

J – É, eu também não.

C – Eu tinha e saí.

J – Alguma outra rede?

C – Eu tenho Whats App, não sei se conta.

J – Conta.

C – Eu tinha Twitter, mas eu não sei onde está mais minha conta. Eu tenho até que dar um jeito de acabar, porque alguém pode..., mas o Facebook eu usava bastante, gostava até eu voltar em 2013. Quando eu voltei dos Estados Unidos, eu achava que estava muito confuso e saí. Eu me comunico com os colegas por Whats App, telefone e e-mail.

J – Consegue ler algo fora das Ciências Sociais? Jornal, literatura...

C – Eu leio, pois é, jornal eu leio no celular, porque eu assino Estadão online. Literatura eu gosto, leio menos do que eu gostaria, como eu te falei, eu pensei até em fazer Letras, sempre gostei muito de literatura. Cinema é que faz muito tempo que eu não vou, engraçado isso.

J – Sente falta?

C – Agora eu vejo Netflix, eu fiquei um pouco preguiçosa, eu acabo assistindo em casa. Até porque, como eu tive que viajar muito nos últimos anos e continuo viajando muito, todo tempo que eu tenho em casa, eu gosto de ficar em casa. Eu virei meio, assim, gato. Eu fico pensando assim: “Nossa, semana que vem eu estou toda em casa; a outra já não estou, estou indo pra São Paulo e Brasília. Ai que bom ficar uma semana inteirinha em casa”.

J – Agora, você trabalha desde a mobilidade até desigualdade com temas que são muito quentes, fora da academia, na vida pública, você tem alguma intervenção para fora?

C – Não, nenhuma.

J – Já foi convocada pra isso? Já te provocaram, no bom sentido, pra isso? ONG, movimento social, partido...

C – Eu acho que eu abandonei a área de raça para não ter que entrar.

J – Você achou que estava ficando...

C – Eu vi pelo Carlos, eu falei: “Isso aí eu não quero pra mim não”. E o Carlos saiu da área de relações raciais também. Ele só orientava, ele falava: “Eu não falo e não escrevo mais sobre relações raciais”. Ele foi se dedicar à estratificação mesmo, educação. Quando tinha aluno, ele orientava, mas ele cortou.

J – Por conta do excesso de discussões, polêmicas?

C – É, porque foi ficando muito politizado. E acho que às vezes de uma forma que deixa pouco espaço para um debate mais ponderado que é o debate da academia. “De onde você tirou esses dados? ”. “Você não é negro? ”. “Como é que você sabe? Você não sentiu”. Aí eu falei: “Não”. Essa confusão entre a identidade e o teu trabalho, eu acho absolutamente, a coisa do lugar de fala, improdutiva na Ciência. Eu tenho essa coisa: eu acho que Sociologia é Ciência. Pode me chamar de positivista, durkheiminiana, o que você quiser, mas eu acho que é uma Ciência que tem características diferentes do que é historicamente considerado Ciência, se você pensar a Física, as grande Ciências mais históricas e consolidadas. O processo de trabalho é diferente, é uma Ciência histórica, quer dizer, não tem leis gerais, mas é. E você tem que ter um cuidado metodológico, você não pode falar coisas se você não tem evidências, não só de dados, mas históricas. Você tem que ter uma reflexão informada. Eu acho que ficou muito apaixonado o debate em algumas áreas e eu prefiro evitar. Não tenho nenhuma inserção. Não me chamam muito...me chamaram uma vez, alguma coisa de Petrobrás, BNDES, para falar sobre a questão de gênero, meu trabalho com a Clara, que é uma questão muito...eu acho que todo mundo concorda, quer dizer, a divisão do trabalho doméstico, da vida privada é muito desigual entre homens e mulheres. Isso era nossa conclusão que era meio..., mas que mostrava também, uma coisa que a gente coisa apanhou, que os homens tinham mais desejo de participar da vida familiar, não das tarefas domésticas, mas da vida familiar e têm pouco tempo, porque os homens trabalham muito mais horas que as mulheres. E aí as feministas não gostaram, mas tudo bem, era uma outra época não estava tão quente. Eu acho que hoje talvez a gente sofreria mais críticas.

Porque assim, quando eu trabalho a questão da desigualdade, é de uma chave meio antiga, não é essa da identidade, diferença. A desigualdade é uma coisa, identidade e diferença é outra. Eu tenho uma visão mais, que o pessoal diz que é elitista, que é da elite, da burguesia, sei lá o que, mas eu tenho uma visão mais humanista, da igualdade do humano de condições mais iguais, o

peçoal acha que isso é também liberal, uma tradição mais rawlseana [Jonh Rawls], de igualdade de oportunidades. Então, é isso que a estratificação, eu também não estou colada no campo da estratificação, mas essa é a tradição do campo da estratificação: você pensar em igualdade de oportunidades. Claro que as identidades entram, porque elas criam desigualdades, mas são alguns dos elementos da desigualdade, não os únicos. Eu trabalho com segregação espacial em São Paulo e no Rio, mais próximo da Sociologia urbana com o Eduardo Marques. Então, assim, muitas coisas que constituem o estado de desigualdade que a gente tem hoje, mas nunca entrei nesse debate de identidade. Isso aí estou deixando para os outros.

J – E falando, só pra terminar, no que você está deixando. O que você sente falta de fazer na nossa profissão?

C – Eu sinto falta do que eu fiquei esse tempo todo sem fazer que é fazer pesquisa, de ir pra campo, de trabalhar os dados, de experimentar. Eu não gosto muito dessa coisa do método, de ficar sentada estudando fazendo curso de método, acho que eu não teria mais saco: “Ah, vou fazer agora, análise estruturais...”, por exemplo. Mas eu gosto de estudar. Como eu tenho uma formação em Estatística, não é muito difícil pra mim aplicar a metodologia e modelos novos. Então, eu sinto falta disso, de sentar e ter dias pra fazer isso: “Ah, vou tentar esse modelo como é que vai”. Ler sobre isso, estudar. Estudar e fazer pesquisa. Porque realmente esse período era só dar e uma coisa muito de política institucional, uma certa burocracia. Eu sinto falta disso. Sinto falta de tempo livre também [risos].

J – Celi, obrigada.

C – Obrigada, que isso.

[FIM DO DEPOIMENTO]